

SÁ, Guilherme. 2013

**No Mesmo Galho: antropologia
de coletivos humanos e animais**

Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 224p.

Ceres Brum^a

A antropologia da ciência, nos últimos anos, vem se consolidando como um campo de estudo promissor e instigante com desdobramentos que inscrevem os pesquisadores brasileiros desta seara no cenário mundial, conforme demonstram publicações como as de Fonseca e Sá '*Dossiê Ciência, poder e ética*' (2011) e a realização de inúmeros eventos e grupos de pesquisa na área. O livro de Guilherme Sá é o resultado de sua pesquisa de doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Brasil. Foi publicado em março de 2013, no Rio de Janeiro, pela Editora 7Letras, (224ps.), com o apoio da CAPES e da Universidade de Brasília, e se caracteriza como um importante marco teórico e metodológico para a antropologia da ciência. Trata-se de um estudo sobre as relações estabelecidas entre pesquisadores e primatas (muriquis) no Brasil, que declinam para a produção de uma

^a Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria, Coordenadora do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, UFSM, Santa Maria - RS - Brasil. E-mail: cereskb@terra.com.br.

cultura científica a respeito dos miquis que habitam as matas de uma Reserva Privada do Patrimônio Natural no interior do estado de Minas Gerais.

A pesquisa que deu origem ao livro coloca no divã da antropologia o discurso da neutralidade e objetividade da produção do conhecimento científico. De forma correlata se relaciona com o debate da relação entre construtivismo e realismo, protagonizado pela crítica dos chamados autores pós-modernos à antropologia teórica norte-americana. Através da proposta de uma antropologia da aproximação o autor dialoga com discurso científico da primatologia, que infere uma determinada ‘cultura de primatas’, e explora o potencial da abordagem perspectivista, postulada por Viveiros de Castro, para pensar contextos de ontologias científicas, como se dá na primatologia.

O caminho escolhido por Guilherme Sá para dar conta da complexidade da análise antropológica desta primatologia como discurso científico, a partir de seus dados de campo, se embasa em uma tentativa de privilegiar categorias próprias para pensar ‘os primatas’, com as problematizações decorrentes das rupturas de um discurso que é ‘de natureza’, totalmente humano, mas que igualmente situa e relativiza o ofício de pesquisador. Guilherme Sá produz uma instigante ‘fábula antropológica’, que perpassa os seis capítulos do livro baseada em uma fina observação participante de longo prazo que recupera a história da criação da RPPN até abranger os dilemas éticos concernentes às pesquisas primatológicas e etnográficas, onde teoriza e problematiza também a respeito da constituição de um novo coletivo composto por humanos e animais.

O título da fábula é instigante: arremessa para ‘um mesmo galho’ antropólogos, primatólogos e miquis, acenando para as possibilidades de observação recíproca e igualmente levando-nos a uma necessária releitura dos termos sociedade e cultura para fugir do risco etnocêntrico do antropomorfismo.

A noção de coletivo é promovida ao destacar a importância da percepção das redes sociotécnicas em que se inscrevem as pesquisas

em primatologia e, ao mesmo tempo, o olhar antropológico do autor, caracterizando-as em suas variações antitéticas, sempre relacionais: “genética cultural e cultura genética, miqui objeto e miqui sujeito, genealogia de pesquisadores e genealogia miqui, técnica e experiência, etc.” (Sá 2013:133).

No primeiro capítulo o autor explana sobre seu ingresso em campo e sobre a especificidade de ‘observar observadores’. Partindo de certo estranhamento, condição de sua inserção, o texto preserva uma linguagem bem próxima a dos diários de campo em que se exprime em primeira pessoa. A leveza da escrita e a jocosidade das situações vivenciadas ativam a curiosidade do leitor que, ao mesmo tempo em que se diverte com um ‘antropólogo curupira’ que se perde na mata, atenta para as dificuldades do campo, em seus múltiplos códigos compartilhados em fascinante processo de desvelamento pelo autor. O aprendizado do antropólogo em campo é trabalhado como dinâmica ao passo em que comunica e tensiona seu auto aprendizado com o aprendizado dos pesquisadores e estudantes no processo de observação dos primatas. *Skills* compartilhados entre antropólogos e primatólogos produziram um certo *ethos* de pesquisador que poderia ser identificado mutuamente e relacionado com a prática de lidar com um terceiro incluído: os miquis.

O segundo capítulo remete o leitor à organização do espaço do campo, privilegiando uma análise do universo da casa como transitoriedade na vida dos pesquisadores que permanecem cerca de um ano na reserva biológica, frente ao peso do estar lá e deixar suas marcas. Para compor este panorama aborda os atores pesquisados em seus ofícios e afetividades. A partir deles, no capítulo 3, enfoca os miquis apresentados através dos discursos dos primatólogos.

Merece destaque a problematização do autor com relação a sua percepção de um discurso apologético (que enaltece a funcionalidade dos miquis), produzidos pelos cientistas através da sustentação de critérios de neutralidade e objetividade amplamente propagados. O capítulo se desdobra em uma interessante discussão sobre identidade

calcada no embate entre as categorias projeção e intersubjetividade, em busca de caracterização das relações protagonizadas pelos muiquis e cientistas, na lente do antropólogo.

A opção pela reciprocidade de perspectivas humano/mundo que caracterizam o argumento de Lévi-Strauss em *La pensée sauvage* (1962), bem como a visão de Descola sobre a natureza justificam a escolha da categoria intersubjetividade, entendida como “um fluxo mútuo de mudanças e transformações nos termos que compõem a relação” (Sá 2013:128), abrangendo critérios de nomeação, classificação dos muiquis como produtores de sua autonomia, e que se sobrepõem aos critérios dos próprios pesquisadores em campo, como uma “configuração relacional das identidades individuais dos macacos” (Sá 2013:19), já mencionada na introdução do livro.

A preocupação com a construção cosmológica da ciência, a percepção que os macacos possuem dos humanos, e, sobretudo, o aprendizado dos cientistas em campo na identificação e personificação dos muiquis compõem as discussões do quarto capítulo. São expressas através de narrativas intersubjetivas que nos chamam à fábula, num enredo em que os papéis de humanos e primatas se imbricam através de um jogo de categorização entre naturezas e culturas que levam, no quinto capítulo, a problematização da relação entre realidade e representação.

A título de finalização desta resenha sobre uma bem sucedida fábula antropológica, vale a pena destacar a intuição do autor que reconhece animais como seres culturais, inseridos em relações de (co)invenção e produtores do *social*, propondo um alargamento do conceito de cultura “para algo que fundamente aproximações transespecíficas” (Sá 2013:190).

Recebido em abril de 2014
Aprovado em novembro de 2014